



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL**

**SMARTPHONES NAS SALAS DE AULA DA UFS: USOS POR DOCENTES E  
DISCENTES EM TEMPOS DE EDUROAM**

**Usos de smartphones por discentes do Departamento de Letras Vernáculas**

Área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes  
Subárea do conhecimento: Linguística Aplicada  
Especialidade do conhecimento: Linguagens e Tecnologias

Relatório Final  
Período da bolsa: de agosto de 2018 a julho de 2019

Este projeto é desenvolvido sem bolsa de iniciação científica

**PICVOL**

Orientador: Paulo Roberto Boa Sorte Silva  
Autor: Nayara Stefanie Mandarino Silva



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

### **Resumo**

O crescimento no uso de *smartphones* ou celulares inteligentes é notável e atinge inúmeras esferas da vida social, uma delas é a universidade. Nagumo (2014) e Selwyn (2014) apontam que há poucas pesquisas voltadas a entender como dispositivos tecnológicos, como os celulares, são utilizados nas instituições de ensino; acrescenta-se a isso, a recente implementação da rede internacional de acesso à internet, eduroam, na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nesse contexto, a pesquisa a qual este resumo se refere tem como objetivos conhecer as motivações de uso de *smartphones* por parte de discentes do DLEV e analisar possíveis regras e consequências de uso dos *smartphones* durante as aulas na UFS. A metodologia qualitativa de cunho analítico-interpretativo seguiu o procedimento proposto por Freeman (1998) que inclui codificar, agrupar, estabelecer relações e exibição dos dados (*display*). Trata-se de uma pesquisa do PIBIC-UFS, edital 2018/19, cujos resultados e conclusões indicam que a maior parte dos alunos pesquisados utiliza *smartphones* tanto para fins acadêmicos, quanto para entretenimento. As regras e consequências da sala de aula, porém, desmotivam o uso dos dispositivos por estarem relacionadas a proibições e punições. Similarmente, a rede eduroam desestimula o uso dos aparelhos, por apresentar barreiras para a conexão à internet.

**Palavras-chave:** uso de smartphones; sala de aula; discentes.

### **Abstract**

The growth in the use of smartphones is remarkable and reaches countless spheres of social life, one of them is the university. Nagumo (2014) and Selwyn (2014) highlight that there are few researches focused on understanding how technological devices like cellphones are used in teaching institutions; in addition to that, the Federal University of Sergipe (UFS) has recently implemented the international internet network eduroam. In this context, this research aims to discover motivations to the use of smartphones by the students of DLEV, as well as to analyze possible rules and consequences of using smartphones during classes at UFS. The methodology is qualitative - analytical-interpretative – and followed the procedures Freeman (1998) proposes, which include naming, grouping, finding relationship, and displaying. This research is part of PIBIC-UFS 2018/19, and its results and conclusions indicate that most students who participated in the research use smartphones to meet academic and entertainment aims. The rules and consequences in the classroom, however, put off the use of the devices for being related to prohibitions and punishments. Similarly, eduroam discourages the use of smartphones because it presents barriers to the access of internet.

**Keywords:** use of smartphones; classroom; students.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

## SUMÁRIO

1. Introdução	4
2. Objetivos	5
3. Metodologia	5
4. Resultados e discussões	7
5. Conclusões	21
6. Perspectivas de futuros trabalhos	23
7. Referências bibliográficas	23
8. Outras atividades	24
9. Apêndice	27



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **1. Introdução**

No Brasil, a partir de 2005, houve um crescimento significativo no uso de dispositivos móveis, principalmente entre jovens de 16 a 24 anos. No entanto, foi em 2010 que a utilização desses artefatos tecnológicos obteve o maior índice de crescimento, propulsado pelo Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), cujo objetivo consiste em ampliar o acesso à internet a cerca de 88% dos brasileiros, de acordo com Santaella (2013). No ano seguinte, o uso de celulares para conexão à internet cresceu 340% (SANTAELLA, 2013). Os *smartphones*, ou celulares inteligentes, destacam-se não somente pelo grande número de usuários, mas por possibilitarem a convergência de mídias em um único aparelho (JENKINS, 2009) e pela viabilização da ubiquidade, definida por Santaella (2013) como a oportunidade de engajamento em ambientes on-line a qualquer hora e lugar. Dentre as implicações da adesão ao uso desses dispositivos, estão as mudanças no perfil cognitivo dos indivíduos e nos processos de construção de sentidos e de aprendizagem.

Os *smartphones*, por proporcionarem a mobilidade, são utilizados em diversos ambientes, inclusive nos educacionais. Porém, o uso não parte apenas dos alunos, há também incentivo ao uso de tecnologias digitais por instituições de ensino. Em universidades e institutos federais, por exemplo, grande parte das atividades acadêmicas é realizada em ambientes digitais, como o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas). Para facilitar o acesso a esses espaços virtuais, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) aderiu à eduroam (acrônimo do inglês para *education roaming*), uma rede internacional de serviços de roaming, com foco voltado ao ensino superior, que permite acesso à internet. O acesso à rede se dá através das credenciais de acesso ao sistema de gestão adotado pela universidade de origem do discente ou docente, que podem acessar a internet não apenas na UFS, como também em outras instituições de ensino nacionais e internacionais que adotaram o sistema. É nesse contexto que essa pesquisa se insere; procura-se conhecer o que motiva o uso de *smartphones* por discentes do



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) na UFS e analisar regras e consequências de uso nas aulas ofertadas pelo departamento.

A fim de alcançar os objetivos propostos, a partir de um questionário on-line, houve coleta de dados que foram analisados seguindo a proposta de Freeman (1998), que envolve codificação, agrupamento, estabelecimento de relações e exibição dos dados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada como estudo de caso, de cunho analítico-interpretativo (YIN, 2010).

## **2. Objetivos**

- Conhecer as motivações de uso de *smartphones* por parte de discentes do DLEV;
- Analisar possíveis regras e consequências de uso dos *smartphones* durante as aulas na UFS.

## **3. Metodologia**

A metodologia da pesquisa a qual este relatório se refere é qualitativa porque trata de motivações e negociações para o uso de *smartphones*, que dificilmente podem ser quantificados. Apesar de dados numéricos serem apresentados, eles não tornam a pesquisa quantitativa, pois, diferente do que propomos, esta “pretende tomar a medida exata dos fenômenos humanos e do que os explica” (LAVILLE, DIONNE, 1999, p. 43). A pesquisa também pode ser caracterizada como estudo de caso de cunho analítico-interpretativo, de acordo com a definição de Yin (2010, p. 32), porque trata-se da investigação de um fenômeno contemporâneo – a utilização de *smartphones* nas salas de aulas; está inserida em um contexto da vida real – as aulas de professores do Departamento de Letras Vernáculas da UFS; e “os limites entre o fenômeno [uso de *smartphones*] e o contexto [salas de aula da UFS] não estão claramente definidos”.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

No que diz respeito à coleta de dados<sup>1</sup>, foi elaborado um questionário<sup>2</sup> - baseado em Nagumo (2014) – com perguntas que variam entre a escolha de alternativas e a escrita de respostas em forma de texto. Os dados foram coletados via formulário on-line (*Google Forms*), a partir das respostas de discentes do Departamento de Letras Vernáculas. Esses dados tiveram análise baseada no que é proposto por Freeman (1998), que envolve quatro etapas, são elas: codificar, agrupar, estabelecer relações e exibição dos dados (*display*). No momento da codificação, os dados podem ser separados e nomeados a partir de uma das três fontes possíveis: categorias externas aos dados; dos próprios dados (fonte escolhida para essa pesquisa); ou criados pelos pesquisadores. Portanto, os dados obtidos através das perguntas abertas foram codificados a partir das respostas recebidas. Em seguida, os códigos emergentes foram remontados em grupos que poderiam surgir dos dados (*grounded*) ou externo a eles (*a priori*). Todavia, alguns códigos, denominados *outliers*, não se encaixaram nos grupos estabelecidos, ficando fora da análise. Eles foram importantes, porém, por mostrar onde a interpretação em construção estava inconsistente. Durante essa etapa, dois grupos surgiram *a priori*, com base nos objetivos da pesquisa: motivações de uso e regras e consequências do uso na sala de aula. Um terceiro grupo, o papel da educação no (des)estímulo ao uso, emergiu dos dados, o que o caracteriza como *grounded*.

A próxima etapa, estabelecer relações, envolveu a identificação de padrões recorrentes entre os grupos. Por fim, na fase de *display*, foi possível ver o conjunto emergente da interpretação; como as partes se conectam formando um todo. Desse modo, segundo Freeman (1998), os dados podem ser (re)interpretados de forma mais completa.

No próximo tópico, a análise dos dados será apresentada de forma mais aprofundada. Para tanto, primeiro, há discussões teóricas pertinentes à pesquisa e que auxiliam na compreensão do fenômeno estudado.

---

<sup>1</sup>Os procedimentos de coleta de dados desta pesquisa passaram pela avaliação e posterior aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFS - parecer consubstanciado número 2.917.873/ 2018.

<sup>2</sup>O questionário está disponível integralmente no apêndice deste relatório.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

#### **4. Resultados e discussões**

##### 4.1 Revolução digital: as três eras

Santaella (2013), baseando-se em Lafuente (2011), discorre acerca da revolução digital, e comenta três eras: a era do microcomputador; a era da *World Wide Web* (WWW); e a era da Web semântica.

Dentro da primeira, encontra-se o *desktop* que vai de 1980 a 1990, com seus sistemas de arquivo, *e-mail*, servidores, bancos de dados. Essa era inclui, de 1990 a 2000, a Web 1.0 e seus suplementos: http, HTML, trabalhos em equipe, intranets, Java, portais. Então, de 2000 a 2010, atravessamos a era WWW, com a Web 2.0, as redes sociais, os blogues e wikis, XML/J2EE. Na aproximação da terceira, a da Web semântica, de 2010 a 2020, já começa a aparecer a computação na nuvem, a Web com banco de dados, os agentes pessoais inteligentes e a *Rule Interchange Linked Data* (formato para intercâmbios entre linguagens e dados). (SANTAELLA, 2013, p. 40).

A autora ainda afirma que os termos “Web 1.0, 2.0 e 3.0” não são aceitos por muitos críticos, devido ao fato de que a nomenclatura “Web 2.0” não designa inovações técnicas. Apesar disso, esses termos são amplamente utilizados, indicando mudanças nos modos como a interação e a participação dos usuários acontecem com os avanços das tecnologias digitais. São os efeitos dessas mudanças tecnológicas nas relações sociais – o estado da arte da Web – que Santaella (2013) defende serem mais importantes do que a divisão da Web em fases. No que diz respeito à interação, Fawkes e Gregory (2000) argumentam que a internet se distingue de outras formas de interação devido a três fatores principais: o acesso independe da localização, é possível entrar em contato com diversas partes do mundo; não é dependente do tempo real, os usuários podem se conectar a qualquer momento; e permite interatividade como nunca havia sido possível antes. Nesse contexto, de acordo com os autores, a comunicação pode ocorrer de três formas: *one-to-*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

*one*, *one-to-many* e *many-to-many*. A primeira delas envolve duas entidades. Já na segunda, *one-to-many*, um autor ou grupo cria conteúdo para muitas pessoas. Esse o tipo de interação era comum na Web 1.0, na qual os usuários eram mais consumidores do que produtores de conteúdo. Nesse sentido, a Web 1.0 se assemelha à televisão, em que um pequeno grupo de produtores cria conteúdo para milhares de pessoas, com pouca ou nenhuma participação delas. Portanto, o ambiente era dominado pelos produtores de conteúdo cujos consumidores eram os usuários. A Web 2.0 sucede a Web 1.0 e é marcada pelo surgimento das redes sociais, como o *Orkut*. É a partir desse momento que a participação coletiva começa a crescer: os usuários passam a produzir conteúdo; deixando de ser meros consumidores, passam a ser também produtores, o que afeta as relações de poder produtor-consumidor de conteúdo (JENKINS, 2009). As interações, portanto, passam a ser *many-to-many* – o terceiro modo de comunicação discutido por Fawkes e Gregory (2000) – porque permitem que muitas pessoas criem e consumam conteúdo, de forma mais participativa.

De acordo com Santaella (2013), tanto na Web 1.0, quanto na Web 2.0, as buscas ocorrem por palavras que são usadas em páginas na internet (hashtags, palavras-chave), o que caracteriza essas Webs como sintáticas. Diferentemente, na Web semântica que engloba a Web 3.0, a busca por informação acontece por meio de significados (conceitos, ideias), por isso o nome “semântica”. Nessa terceira era, há também a personalização dos espaços da Web com base no perfil do usuário, que é construído a partir dos conteúdos acessados. Essa característica é amplamente utilizada para fins comerciais; por exemplo, quando um usuário pesquisa um produto em uma ferramenta de busca, ao acessar suas redes sociais, pode se deparar com anúncios publicitários desse produto. Vale ressaltar que muito do que é discutido sobre a Web semântica é baseado em previsões, considerando que ela é contemporânea. Santaella (2013, p. 53) acrescenta que é previsto que ela evolua para a Web pragmática, em que o acesso a páginas ocorre não apenas por significados, mas também pela sua utilização; como exemplo, a autora cita “pelos características dos grupos sociais e políticos de que o usuário participa, ou pelo perfil de pesquisa acadêmica a que





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

pertence”. Também há uma tendência para a sofisticação dos aparelhos celulares que podem assumir o papel de conector entre indivíduos e sociedade. Esses aparelhos se destacam dentre as tecnologias digitais e são utilizados por cada vez mais pessoas.

Foi no período correspondente à era do microcomputador que o primeiro celular surgiu. Com as mudanças tecnológicas, ele passou por adaptações até a chegada dos *smartphones*, que possibilitam a convergência de mídias. No próximo tópico, a evolução da telefonia móvel será discutida em ordem cronológica. Também serão abordados os conceitos de convergência e ubiquidade, tendo em vista que eles estão relacionados aos *smartphones*, tecnologia digital que está em foco nesta pesquisa.

#### 4.2 A evolução tecnológica e suas implicações: dos *dumb phones* aos *smartphones*

De acordo com Hanini (2017, p. 42), em 1970, houve o surgimento do “paradigma tecnológico de base microeletrônica”. É nesse contexto que a primeira geração (1G) de mudanças tecnológicas na telecomunicação advém. Essa geração utilizava um sistema analógico de comunicação que entrou em operação em 1983, nos Estados Unidos, e transmitia apenas voz. Era essa a função dos aparelhos celulares dessa geração – denominados *dumb phones* (celulares tolos), devido ao fato de que desempenhavam funções muito básicas, como realizar chamadas de voz. Outras características desses aparelhos eram peso elevado e grandes tamanhos. O autor acrescenta que os celulares, nesse período, eram utilizados essencialmente por governos, policiais e militares.

O primeiro celular móvel – *car phone transportable* (telefone de carro transportável) – surgiu em 1956. Lançado pela empresa Ericsson, o Ericsson MTA (Mobile Telephony A) era considerado móvel apenas por ser utilizado em carros. Hanini (2017) ainda acrescenta que foi em 1973 que um protótipo<sup>3</sup> de celular realmente portátil, o Motorola DynaTAC, surgiu, através da empresa Motorola. A maior contribuição deste

---

<sup>3</sup>O aparelho não foi comercializado.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

último aparelho foi mostrar a possibilidade de utilizar o celular móvel, sem que ele estivesse necessariamente ligado a um automóvel. No entanto, o primeiro celular a ser comercializado foi o Motorola DynaTAC 8000X, mas sem grandes inovações técnicas. As grandes mudanças que ocorreram dizem respeito ao design e à aparência dos aparelhos – que se tornaram mais leves e menores – a partir de 1989, com o Motorola MicroTAC 9800x.

Hanini (2017, p. 48) explica que a segunda geração (2G) foi marcada pela implementação dos sistemas digitais. Nesse momento, “além do tradicional serviço de voz, foi implementada a capacidade do serviço de dados à baixa velocidade de transmissão”. Também surgiram sistemas de transição para o 3G – que alguns autores chamam de segunda geração e meia (HANINI, 2017, p. 50) – o que possibilitou o “envio e recebimento de mensagens curtas (SMS) e multimídias (MMS) além de acesso rudimentar à internet”, devido ao uso de serviços *Wireless Application Protocol* (WAP). Os celulares, portanto, têm suas funcionalidades ampliadas e vão além de apenas realizar ligações de voz. Os *feature phones* (celulares com recursos) se tornaram ainda menores e mais leves que os *dumb phones*, além de executar alguns aplicativos e introduzir *displays* em LCD, em vez de LED. O Motorola RAZR V3i é um exemplo de *feature phone* considerado como um dos mais avançados, por possuir câmera, conectividade via Bluetooth e mini USB.

Já a terceira geração (3G) é caracterizada principalmente pelo sistema digital com acesso à internet de alta velocidade. Foi durante esse período que o *Wireless Fidelity* (Wi-Fi) e os *smartphones* (celulares inteligentes) surgiram. O *smartphone*, apesar de não haver consenso entre teóricos, pode ser definido como:

um celular com recursos avançados, que executa um sistema operacional identificável que permite aos usuários ampliar sua funcionalidade com aplicativos de terceiros que estão disponíveis em um repositório de aplicativos. De acordo com esta definição, os smartphones devem incluir hardware sofisticado com: a) recursos de processamento avançados (por exemplo, CPUs modernos, sensores), b) capacidades de conectividade múltiplas e rápidas (por exemplo, Wi-Fi, HSDPA) e c) Tamanho de tela



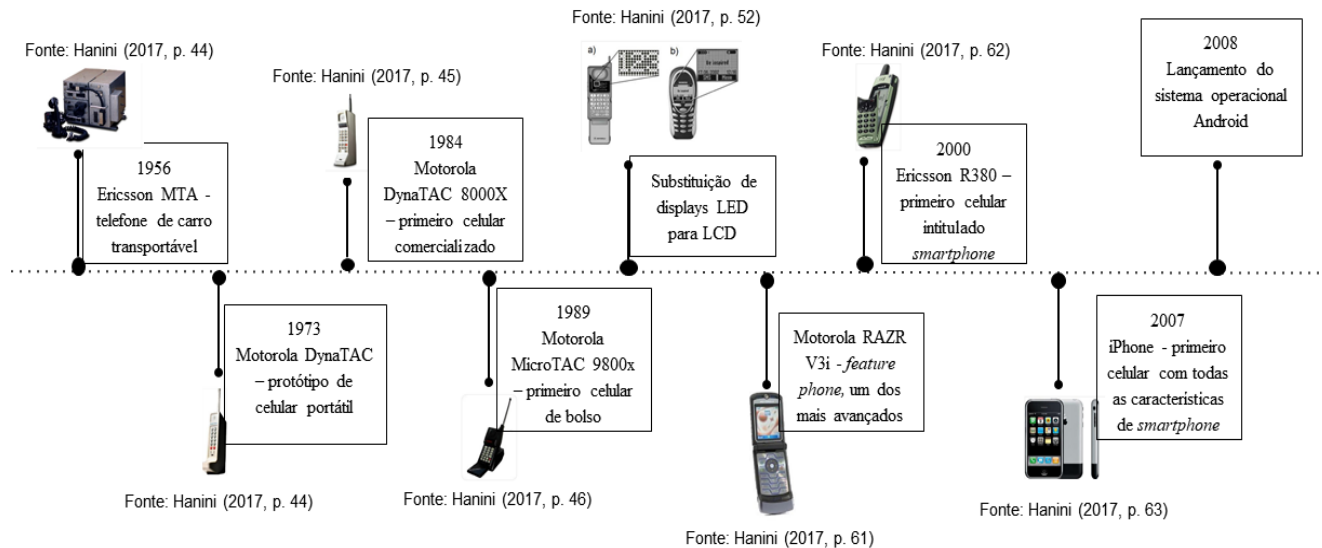
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

adequadamente limitada. Além disso, o seu sistema operacional deve ser claramente identificável, como o Android, Blackberry, Windows Phone, iOS da Apple, etc. Finalmente, o sistema operacional deve permitir a instalação de aplicativos de terceiros a partir de repositórios de aplicativos ('mercados de aplicativos'). (THEOHARIDOU; MYLONAS; GRITZALDIS, 2012 apud HANINI, 2017, p. 60).

Em 2000, o primeiro celular intitulado *smartphone* foi comercializado. Trata-se do Ericsson R380 que, apesar de permitir a instalação de aplicativos externos, não se conectava à internet de forma eficiente. O primeiro celular que tinha todas as características de um *smartphone*, segundo Hanini (2017), foi lançado em 2007 pela Apple – o iPhone. Um ano depois, o Google colocou no mercado o sistema operacional Android, que não ficou restringido a uma única empresa.

Abaixo, uma linha do tempo com os fatos marcantes na evolução dos *dumb phones* para *smartphones* é apresentada. Também são incluídas imagens que ilustram os aparelhos discutidos neste tópico.

Figura 1: evolução dos celulares





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Fonte: elaboração da autora

Os *smartphones*, como foi dito anteriormente, possibilitam a convergência de mídias, mas não no sentido de que eles unem diversas funcionalidades em um único aparelho. Jenkins (2009, p. 29) é contrário a esse argumento e defende que a convergência, na verdade, representa uma transformação cultural, “onde as velhas e as novas mídias colidem”. Isso significa que as novas e antigas mídias continuam interagindo de maneiras cada vez mais complexas; esse é o novo paradigma da convergência. O autor destaca que esse, porém, é um conceito antigo que está sendo ressignificado – era entendido por muitos como a substituição das mídias antigas por novas. O processo de substituição, de acordo com Jenkins (2009), refere-se às tecnologias de distribuição (fitas cassetes, CDs, etc.), não às mídias em si. Desse modo, convergência, em seu novo significado, também é divergência. O rádio, por exemplo, era um serviço transmitido por um único meio, agora ele pode ser oferecido de diversas formas físicas, não estando, necessariamente, ligado a um único meio de transmissão. Logo, “a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se corroendo” (JENKINS, 2009, p. 37), isto é, as funções das mídias estão sendo transformadas com o surgimento de novas tecnologias.

Jenkins (2009, p. 29) defende uma cultura da convergência, referindo-se

ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando.

Outro aspecto da convergência discutido por Jenkins (2009, p. 45) é a participação coletiva – discutida no subtópico referente à revolução digital – em que a partir da Web 2.0, os conteúdos passam a ser produzidos não somente por um pequeno grupo de produtores, mas também pelos usuários, que se tornam cada vez mais participativos. O autor defende



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

que a convergência “também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias”, pois as atividades que realizamos diariamente “ocorre[m] em plataformas múltiplas”, os conteúdos que circulam nas plataformas de mídia não dizem respeito somente ao entretenimento, mas também às nossas relações sociais e pessoais.

Além de possibilitarem a convergência, os *smartphones* também tornam possível o que Santaella (2013, p. 16) chama de comunicação ubíqua, definida como “a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo meio ambiente [...], a tecnologia sem fio proporciona maior ubiquidade”. Logo, o uso de *smartphones* – além de outros dispositivos móveis, como *tablet* e *laptop* – e internet sem fio resulta em ubiquidade, o que possibilita o acesso imediato ao ciberespaço – o espaço ilimitado de comunicação proporcionado pela interconexão de computadores. Segundo a autora, nesse contexto, surge um novo tipo de leitor, não apenas de textos escritos, como também de imagens, vídeos, etc. Esse novo leitor, que Santaella (2013) chama de ubíquo, transita no ciberespaço e tem a capacidade de reagir multiplamente aos diferentes estímulos aos quais é exposto. Trata-se de um leitor multitarefas. Dessa maneira, percebe-se que as tecnologias podem afetar a cognição dos usuários, o que desafia os processos de aprendizagem. Estes são discutidos por Santaella (2013, p. 289) que fala da aprendizagem ubíqua, as “formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis”. Nesse contexto que envolve a resolução de problemas em grupo de forma colaborativa, surgem os processos de aprendizagem abertos, que ocorrem espontaneamente e são assistemáticos. Os processos de aprendizagem abertos devem-se aos dispositivos móveis, como os *smartphones*, que tornam o acesso a conteúdos possível a qualquer momento e em qualquer lugar.

À medida em que a evolução tecnológica foi se tornando mais personalizada, centrada no usuário, móvel, em rede, ubíqua e durável, a aprendizagem foi se tornando igualmente mais individualizada, centrada no aprendiz, situada, colaborativa e ubíqua [...]. Por permitir um tipo de aprendizado aberto, individual ou grupal, que pode ser obtido em



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua. (SANTAELLA, 2013, p. 292-293).

Os avanços tecnológicos também contribuíram para o surgimento de modelos educacionais. Santaella (2013) discorre acerca de quatro deles: processos baseados na tecnologia do livro – transmissão de conteúdos programáticos sequenciais; a educação a distância – modelo educacional de mídias massivas, como rádio; *e-learning* e aprendizagem em ambientes virtuais – que ocorre on-line; e *m-learning* ou aprendizagem móvel – pode acontecer em qualquer lugar, mas é planejada, como uma extensão da sala de aula, diferente da aprendizagem ubíqua que é caótica, espontânea.

Os *smartphones* mostram-se potencialidades a serem exploradas nos processos de ensino e aprendizagem e, juntamente com outros dispositivos móveis, afetam modelos educacionais e perfis cognitivos dos usuários. No entanto, eles não são dispositivos autônomos, no sentido de que dependem de como são utilizados para atingir determinados objetivos. Nesse contexto, esta pesquisa propõe-se a investigar como os discentes do DLEV utilizam os *smartphones*, considerando-se a implementação da rede eduroam. Esta começou a ser desenvolvida na Europa, em 2003, mas já utilizada em mais de 100 países, de acordo com informações disponibilizadas no site da rede ([www.eduroam.org](http://www.eduroam.org)). No Brasil, especificamente, há mais de 2300 pontos de acesso, segundo dados da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)<sup>4</sup>. A sua criação se deve ao reconhecimento do número crescente de usuários de tecnologia móvel (como notebooks e celulares) e à necessidade de uma forma de conexão à internet segura que contribuísse com a pesquisa internacional e com as instituições de ensino (CABALLERO et al., 2016). Apesar de ter sido implementada em muitas universidades do Brasil, constatamos, ao consultar o portal de periódicos CAPES/MEC, que há poucas pesquisas sobre a eduroam. A maior parte dos estudos encontrados foi realizada em outros países, como a Espanha (CABALLERO et al., 2016;

---

<sup>4</sup> Os dados estão disponíveis no site <https://www.rnp.br/servicos/servicos-avancados/eduroam>



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

SÁNCHEZ et al., 2009) e concerne questões técnicas, como o sistema de autenticação à rede (LÓPEZ et al., 2008; MURUGANANTAM et al., 2005; PÉREZ-MÉNDEZ et al., 2012) e a mobilidade (RAISCHEL et al., 2014; CRUZ et al., 2013).

A seguir, os dados obtidos através dos questionários são analisados. Eles mostram como os alunos do DLEV avaliam a rede eduroam e como ela impacta o uso de *smartphones* na universidade.

#### 4.3 Análise dos dados

Inicialmente, apresentamos os dados numéricos para que os participantes e o contexto da pesquisa fiquem claros; em seguida, analisamos as respostas obtidas nas perguntas abertas, seguindo os procedimentos propostos por Freeman (1998), que foram explicitados no terceiro tópico.

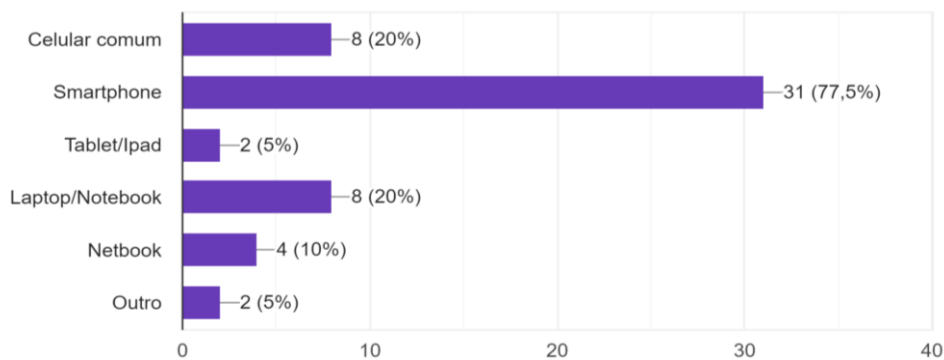
No total, 40 alunos de letras vernáculas contribuíram com a pesquisa. 92,5% dos participantes não possui formação anterior e suas idades variam de 18 a 47 anos. No que diz respeito ao período que estavam cursando no momento em que a coleta de dados ocorreu, a maior parte dos discentes (37,5%) se encontrava no quarto período, seguido pelo sexto (30%); em menor porcentagem, estão o oitavo (12,5%), o sétimo (7,5%), os irregulares (5%) e o primeiro (2,5%).

Quando questionados sobre quais dispositivos tecnológicos levavam para a universidade, 77,5% dos discentes em questão respondeu “*smartphone*”, que foi seguido de “celular comum” (20%) e “Laptop/Notebook” (20%), como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 2: aparelhos levados para a universidade



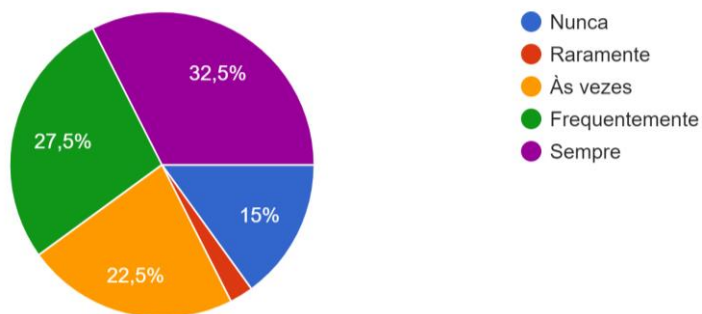
**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**



Fonte: dados coletados pela autora

Constata-se, desse modo, que os *smartphones* são utilizados pela maioria dos alunos, o que corrobora com o que é apontado por Santaella (2013). O número de alunos que utiliza a eduroam é ainda maior, chegando a 80%, visto que é possível conectar-se à rede com outros dispositivos; apesar disso, a frequência de acesso ao sistema de conexão à internet mostra resultados variados e inclui alunos que nunca acessaram a rede ou que raramente o fazem.

Figura 3: frequência de uso da rede eduroam



Fonte: dados coletados pela autora





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

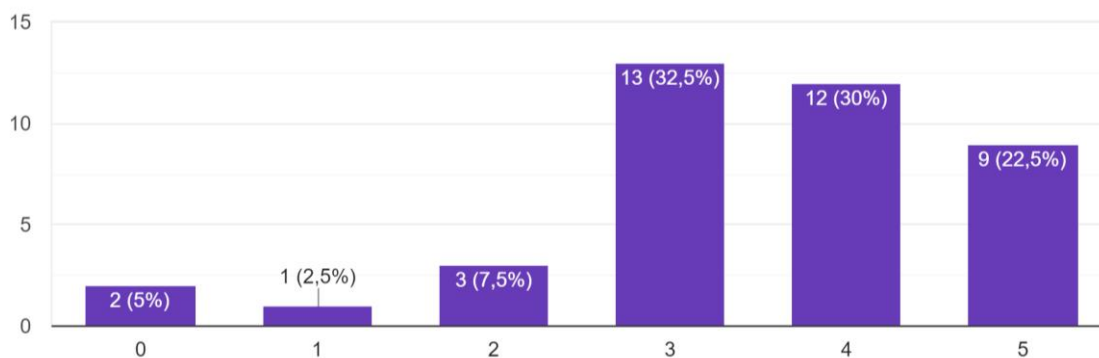
A média de avaliação da rede é de 2,45, em uma escala de 0 a 5. Os motivos mais apontados são a lentidão da internet e que os alunos não conseguem se conectar em grande parte dos locais na universidade. É por essa razão que 59% dos discentes utiliza dados móveis como alternativa à rede eduroam. Os sites e aplicativos mais acessados são SIGAA (67,5%), aplicativos de mensagens instantâneas (60%), Google (55%) e redes sociais (37,5%). Percebe-se, dessa maneira, que os dispositivos eletrônicos são utilizados para fins acadêmicos (acesso ao SIGAA e pesquisas no Google) e para entretenimento (redes sociais e troca de textos).

Sobre o uso de *smartphones* na sala de aula, especificamente, vejamos dois gráficos que mostram como os alunos avaliam aulas em que os dispositivos são utilizados ou não. Na escala, 0 significa extremamente negativo, enquanto 5 é extremamente positivo.

Figura 4: avaliação atribuída a aulas em que smartphones são utilizados

Como você avalia suas aulas em que os smartphones são utilizados em uma escala de 0 a 5?

40 respostas



Fonte: dados coletados pela autora

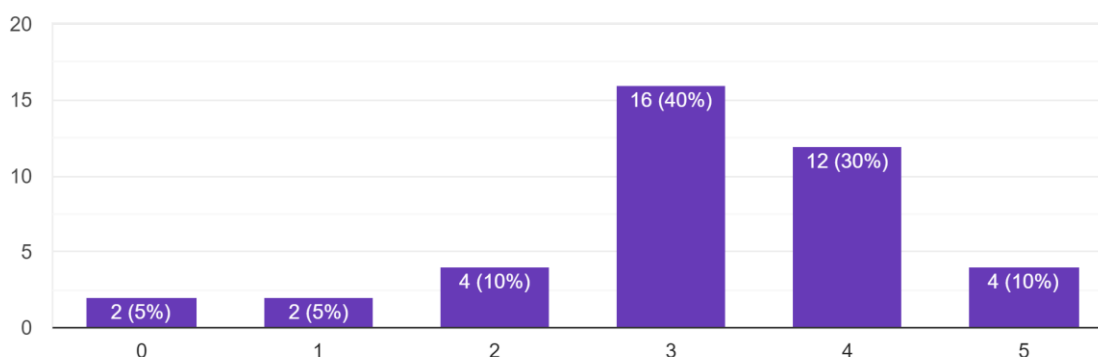
Figura 5: avaliação atribuída a aulas em que *smartphones* não são utilizados



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Como você avalia suas aulas em que os smartphones não são utilizados em uma escala de 0 a 5?

40 respostas



Fonte: dados coletados pela autora

A média de avaliação das aulas em que os *smartphones* são utilizados é 3,48, em oposição aos 3,15 atribuídos ao não uso dos aparelhos. A diferença não é significativa, o que indica que, no geral, os alunos não percebem grandes mudanças nas aulas em que o dispositivo é incorporado. As tecnologias digitais não devem ser vistas como responsáveis pela modificação nas práticas de ensino-aprendizagem, pois, de acordo com Selwyn (2014, p. vii) “o uso de tecnologias digitais não tem um ‘verdadeiro’ significado ou ‘potencial’ inerente que algumas pessoas são mais capazes de perceber do que outras. Em vez disso, o seu uso deve ser visto como um interesse ideologicamente impulsionado”.<sup>5</sup> Portanto, é o modo pelo qual os dispositivos são utilizados que pode causar mudanças nas aulas, não apenas seu uso.

<sup>5</sup> As citações traduzidas de inglês para português são responsabilidade da autora deste relatório. Versão original: “the educational use of digital technology has no one ‘true’ meaning or inherent ‘potential’ that some people are more able to see than others. Instead, the educational use of digital technology needs to be seen as an ideologically driven concern.” (SELWYN, 2014, p. vii)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

No que concerne às perguntas abertas, após a codificação dos dados, eles foram reunidos em três grupos, a saber: motivações de uso, regras e consequências do uso na sala de aula e o papel da eduroam no (des)estímulo ao uso. Eles serão abordados detalhadamente a seguir.

No primeiro grupo, motivações de uso, os discentes apontaram que utilizam os *smartphones* para comunicação com amigos ou para obter informações urgentes e para entretenimento, como acessar as redes sociais. No entanto, as motivações mais recorrentes estão ligadas ao uso dos dispositivos para fins pedagógicos. A maior parte das respostas se refere a pesquisas e leitura de textos em PDF (*Portable Document Format*) que contribuem com a economia na compra de livros e xerox.

D1<sup>6</sup>: Usando [os *smartphones*] para acompanhar os conteúdos pelo formato de pdf e até mesmo fazer pesquisas para acrescentar durante às aulas.

D2: Não me oponho [ao uso dos *smartphones*], pois diminui os gastos com xerox.

D3: Eu particularmente só uso [o *smartphone*] para pesquisas na sala de aula, isso quando os professores pedem para pesquisar.

D4: Para realizar uma pesquisa linguística precisei fazer algumas estatísticas, o que foi facilitado com o uso do celular. (excertos das respostas do discentes participantes)

Uma outra motivação de uso apontada diz respeito à convergência de mídias (JENKINS, 2009) que os *smartphones* tornam possível, como podemos ver na resposta de D5: “acho válido [o uso de *smartphones*] uma vez que hoje em dia o celular tem inúmeras utilidades e entre elas, baixar material do sigaa, acessar email, e evita gastos com xérox”.

No segundo grupo, regras e consequências do uso na sala de aula, os discentes citam regras implícitas, como colocar o celular no mudo e usar o aparelho poucas vezes. Para

---

<sup>6</sup> Utilizamos a letra D (discente), seguida de números para nos referirmos aos alunos que participaram da pesquisa com o objetivo de proteger suas identidades.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

eles, a utilização dos dispositivos nesse ambiente é responsável pela desconcentração e falta de atenção de muitos.

D6: Dificilmente veremos um estudante sem smartphone, as vezes me pego usando-o de forma indevida, mas também uso para acessar os livros, apostilas que são trabalhadas nas aulas, então depende muito de como é usado, mas sabe-se que na maioria das vezes o seu uso ocorre para acessar redes sociais e etc, então no geral acho que pode atrapalhar muito (excerto da resposta de D6).

A aluna percebe que o uso da tecnologia digital é mais importante do que o potencial de como ela pode ser utilizada. Ela fala, dessa maneira, de como o celular é utilizado na prática, mas não deixa de destacar que ele pode também otimizar a aprendizagem. Também se ressalta a visão punitiva que a discente demonstra com relação ao uso dos aparelhos na sala de aula, pois, para ela, a utilização significa o afastamento da prática educacional e, conseqüentemente, prejuízo no processo de aprendizagem.

Os discentes associam o uso de celulares à permissão dos docentes, logo, se há consentimento, não há problemas em utilizar o dispositivo. Porém, a maior parte dos professores parece ser contraria ao manuseio dos aparelhos durante a aula e reagem a isso, pedindo que guardem os celulares e até convidando os usuários a se retirarem da sala.

D5: Um professor pediu para que uma aluna se retirasse da aula por estar usando o celular o tempo inteiro e não prestar atenção na aula.

D7: Uma professora pediu interrompeu minha apresentação de seminário para pedir a um colega que guardasse os fones de ouvido ou saísse da sala.

D8: Alguns professores expulsam da sala, outros não se importam. (excertos das respostas dos discentes).

Na resposta de D8, também são citados os professores que são indiferentes ao uso. Estes são mencionados por outros alunos.

O último grupo, o papel da eduroam no (des)estímulo ao uso, inclui respostas entusiásticas com relação a rede que é colocada como uma ajuda para o acesso à internet e



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

como facilitadora na execução de tarefas através de dispositivos tecnológicos. No entanto, reclamações foram mais recorrentes.

D9: [a rede] não funciona e é lenta demais.

D10: Devido problemas de alcance e qualidade da internet, por vezes não consigo me conectar em algumas localidades da UFS.

D11: A rede oscila bastante e não conecta em alguns locais, inclusive nos que já diz ter cobertura como na BICEN. (excertos das respostas dos discentes).

A rede, portanto, parece atuar no desestímulo ao acesso, pois apresenta problemas técnicos e de cobertura que impedem os alunos de se conectarem ou de conseguirem navegar na internet e cumprir objetivos que podem ser pedagógicos ou de entretenimento.

Seguindo a próxima etapa da metodologia, estabelecer relações (FREEMAN, 1998), percebemos que os padrões mais recorrentes no segundo e terceiro grupo se referem a empecilhos ao uso de *smartphones*, que também aparecem no primeiro grupo, nos momentos em que a permissão e/ou incentivo dos professores é colocada como condição ao uso na sala de aula.

Portanto, o conjunto emergente da interpretação dos dados, última fase do procedimento metodológico (FREEMAN, 1998), é de que as regras e consequências de uso na sala de aula (grupo 2) podem contribuir com a motivação de uso (grupo 1) quando há incentivo e permissão dos discentes nos momentos em que são indiferentes ou que incorporam os *smartphones* na aula, para leitura de textos em formato PDF, por exemplo. Porém, elas podem desmotivar a utilização, o que ocorreu mais vezes, ao serem associadas a consequências negativas, como reclamações dos professores ou expulsão da sala de aula. A rede eduroam (grupo 3) também colabora com o desestímulo ao uso porque dificulta a conexão pelo sinal oscilante e pouca cobertura, por exemplo.

## **5. Conclusões**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Concluimos que, apesar de não serem representativos por não possibilitarem uma generalização, os dados analisados neste relatório são significativos porque explicam o fenômeno do uso de *smartphones*. Percebemos que, de fato, os *smartphones* são utilizados pela maioria dos discentes no ambiente acadêmico e esse uso é majoritariamente combinado ao acesso à internet, seja pela rede eduroam ou pelo uso de dados móveis. Além disso, as motivações de uso vão desde o acesso a sites e aplicativos para fins de entretenimento, até fins pedagógicos – como pesquisas – e socioeconômicos, como a economia na compra de livros e impressões ou xerox de textos. No entanto, as regras e consequências de uso durante as aulas colaboram muito mais com a descontinuidade ou diminuição do manuseio de celulares na aula, pois consistem em punições e proibições que estão ligadas à ideia de que os dispositivos contribuem com a falta de participação dos alunos na aula. A rede eduroam também desestimula o uso dos *smartphones*, pois, muitas vezes, dificulta o acesso à internet; sem esta os celulares têm menos poder de atração pelo fato de não ser possível acessar sites e utilizar muitos aplicativos – incluindo as redes sociais. Os problemas mencionados na rede podem se dever ao fato de que ela ainda está passando pelo processo de implementação, apesar de o sistema ter sido anunciado e instalado pelo Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) em dezembro de 2017, ou seja, há um ano e seis meses.

Por fim, reforçamos que a utilização dos *smartphones* depende dos objetivos dos usuários e é ideologicamente movida, por esse motivo, a inserção do aparelho na sala de aula não resulta em mudanças nas práticas de ensino-aprendizagem. Essa afirmação é corroborada pela pouca diferença na avaliação dos alunos para aulas em que os dispositivos são utilizados – para pesquisas e leitura de textos em PDF – e aquelas em que não são. O que realmente faz diferença é a forma como os celulares são utilizados; se colocados como substitutos de outras tecnologias, como o livro, não constituem novas práticas.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **6. Perspectivas de futuros trabalhos**

De acordo com Nagumo (2014) e Selwyn (2014), há poucas pesquisas voltadas para como a tecnologia digital é utilizada nas instituições de ensino; as existentes, tratam do potencial dos dispositivos, colocando-os, muitas vezes, como os responsáveis por mudanças nas práticas pedagógicas. Essa pesquisa contribui com a solução desse problema por explicar como, de fato, os *smartphones* são utilizados. Além disso, os resultados dessa pesquisa, apesar de não serem generalizáveis para o contexto da UFS, como um todo, podem gerar reflexões sobre as práticas que ocorrem dentro da universidade e a reflexão é o primeiro passo para a mudança. Acrescentamos que a pesquisa pode ser ampliada de forma a incluir outros departamentos da UFS, o que permitiria uma compreensão mais geral do fenômeno estudado.

Por fim, a pesquisa demonstra resultados da implementação recente da rede eduroam, podendo, desse modo, colaborar com a percepção de problemas de conexão e sua consequente solução.

## **7. Referências bibliográficas**

- CABALLERO, A. et al. Activity recommendation in intelligent campus environments based on the Eduroam federation. **Journal of Ambient Intelligence and Smart Environments**, p. 35-46, 2016.
- CRUZ, N. et al. A mobilidade dos utilizadores da eduroam ao longo dos anos. **Atas do 5º Simpósio de Informática**, 2013.
- FAWKES, J.; GREGORY, A. Applying communication theories to the Internet. **Journal of Communication Management**, v. 5, n. 2, p. 109-124, 2000.
- FREEMAN, D. **Doing Teacher Research: from inquiry to understanding**. Boston: Heinle Cengage Learning, 1998.
- HANINI, R. M. M. E. **A influência do advento dos smartphones na dinâmica de concorrência da indústria de telefonia móvel de 2007 a 2015**. 2017. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, Sant'Ana do Livramento, 80p. 2017.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- LAFUENTE, F. A era do raciocínio artificial. **HSH Management** **86**, p. 103-108, 2011.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LÓPEZ, G. et al. A proposal for extending the eduroam infrastructure with authorization mechanisms. **Computer Standards & Interfaces**, p. 418-423, 2008.
- NAGUMO, E. **O uso do aparelho celular dos estudantes na escola**. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília-UnB, Brasília-DF, 111p. 2014.
- MURUGANANTAM, D. et al. ESnet authentication services and trust federations. **Journal of Physics: Conference Series**, p. 591-595, 2005.
- PÉREZ-MÉNDEZ, A. et al. A cross-layer SSO solution for federating access to kerberized services in the eduroam/DAMe network. **International Journal of Information Security**, p. 365-388, 2012.
- RAISCHEL, F. et al. From human mobility to renewable energies. **Eur. Phys. J. Special Topics**, p. 2107–2118, 2014.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SÁNCHEZ, M. et al. Performance analysis of a cross-layer SSO mechanism for a roaming infrastructure. **Journal of Network and Computer Applications**, p. 808-823, 2009.
- SELWYN, N. **Distrusting Educational Technology: critical questions for changing times**. New York: Routledge, 2014.
- YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Ana Thorell. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## **8. Outras atividades**

### **Participação em projetos de extensão como voluntária:**

- Atuação no PIBIX (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão) - 35º FASC Produção Escrita em Língua Inglesa para Turismo, como voluntária. (2018).

### **Participação em cursos on-line:**

- “Ubiquitous Learning and Instructional Technologies” por University of Illinois at Urbana-Champaign, na plataforma Coursera. (2019);
- “Learning, Knowledge, and Human Development” por University of Illinois at Urbana-Champaign, na plataforma Coursera. (2019);





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- “e-Learning Ecologies: Innovative Approaches to Teaching and Learning for the Digital Age” por University of Illinois at Urbana-Champaign, na plataforma Coursera. (2018);
- “Online Games: Literature, New Media, and Narrative” por Vanderbilt University, na plataforma Coursera. (2018).

**Participação em eventos e atividades de extensão como ouvinte:**

- V SEMAC - 28º EIC/COPES - REDAÇÃO CIENTÍFICA T2 (2018);
- I Encontro Internacional de Professores de Língua Inglesa da Bahia (ENPROLI - 2018);
- XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" (2018).

**Participação em eventos e atividades de extensão como monitor:**

- Monitoria no curso “How Free is Freedom of Speech?” (2019);
- Monitoria no curso “Pod Save America: Interpreting American Politics Through Podcasts” (2019);
- Monitoria no curso “Exploring the many faces of feminism” (2019);
- Monitoria no curso “Talking about the Amish Culture through movies” (2018);
- Monitoria no curso “Comedy & Current Events: examining the intersection of news and humour” (2018).

**Participação em cursos e ou minicursos como ministrante:**

- Ministrante no curso “Memes e gírias: uma abordagem de Português como Língua Estrangeira/Adicional”, do Programa Idiomas sem Fronteiras;
- Ministrante no minicurso “Memes nas aulas de línguas: partindo dos Multiletramentos e Letramento Crítico”, com Thainná Melo Nunes, no Encontro Regional dos Estudantes de Letras do Nordeste (EREL NE – 2019).

**Apresentação de trabalho em eventos:**

- Apresentação do trabalho “Preparação e análise de materiais didáticos para Inglês Instrumental no contexto do IsF-UFS”, no InterNucLi do Programa Idiomas sem Fronteiras (2018).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- Apresentação do trabalho “Transform(ação) do material didático no ensino de inglês: o caso ISF-UFS”, no Encontro Regional dos Estudantes de Letras do Nordeste (EREL NE – 2019).
- Apresentação do trabalho “Concepções de ensino de inglês: processos cognitivos em contexto de formação contínua”, no 28º Encontro de Iniciação Científica - EIC da UFS (2018);
- Apresentação do trabalho “O ensino de língua inglesa e a arte literária: (re) leituras do mundo”, no I Encontro Internacional de Professores de Língua Inglesa da Bahia (ENPROLI - 2018);
- Apresentação do trabalho “Professores de escola pública e suas concepções acerca do ensino de língua inglesa”, no IX ENPOLE – Encontro de Pós-Graduação em Letras (2018);
- Apresentação do trabalho “O papel do livro didático no processo de ensino-aprendizagem de inglês: o caso IsF-UFS”, em coautoria com Elaine Maria Santos, no XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" (2018).

**Publicação de artigos e resumos:**

- Publicação do artigo “Women’s portrait in Woman’s Constancy, na revista MAFUÁ (2019).
- Publicação do capítulo de livro “Futuro e presente em formação: reflexões de graduandas em letras sobre a participação em um curso de formação continuada”, em coautoria com Clara Maria Correa Pereira e Raissa Amatori, no livro “Formação docente em língua inglesa: diferentes perspectivas”, organizado por Ana Karina de Oliveira Nascimento e Vanderlei J. Zacchi (2019).
- Publicação de resumo intitulado “Concepções de ensino de inglês: processos cognitivos em contexto de formação contínua”, na Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação (2018);
- Publicação de resumo e trabalho completo – A crença absoluta na veracidade dos discursos e do Livro Didático em dissonância com a teoria do Letramento: análise de uma



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

experiência no PIBID/Inglês – nos anais do evento VII Encontro de Pesquisadores Iniciantes das Humanidades: IH! 2018;

- Publicação do artigo “O papel do livro didático no processo de ensino-aprendizagem de inglês: o caso IsF-UFS”, em coautoria com Elaine Maria Santos, nos anais do Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (2018);

- Publicação do artigo “English teaching conceptions: cognitive processes on ongoing professional development”, em coautoria com Paulo Boa Sorte, na revista Cocar (2018), sobre uma pesquisa desenvolvida no edital PIBIC 2017/2018.

**Artigos aceitos para publicação**

- Artigo “Theory and Practice: between dichotomies and relations in the formation of English teachers”, em coautoria com Paulo Boa Sorte, na revista Exitus (2019).

**Prêmios**

- Webinar Participation Award, Idiomas sem Fronteiras (2018).

**9. Apêndice**

Questionário

1. Informações pessoais

Nome completo: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

2. Formação

Curso: \_\_\_\_\_

Período que está cursando atualmente: \_\_\_\_\_

Formação anterior: \_\_\_\_\_

Ano de início: \_\_\_\_\_ Ano de término (previsto): \_\_\_\_\_

3. Aparelhos digitais

Quais são os aparelhos que costuma levar para a faculdade?

Celular comum

*Smartphone*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- Tablet/Ipad
- Laptop / Notebook
- Netbook
- Outro: \_\_\_\_\_

Qual a sua opinião sobre o uso de celulares na sala de aula?

---

---

4. Conexão

Utiliza a rede eduroam para acessar a internet?

- Sim
- Não

Com que frequência?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Frequentemente
- Sempre

Como você avalia a qualidade da rede eduroam, numa escala de 0 a 5 (sendo 0 extremamente negativa e 5 extremamente positiva)?

0                      1                      2                      3                      4                      5

Por quê?

---

---

Em quais locais você consegue acessar a rede eduroam?

---

---

Em quais locais você não consegue acessar a rede eduroam?

---

---

Utiliza outras formas de acesso à internet quando está na universidade? Qual (is)? Por quê?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

---

---

Quais são os principais sites/aplicativos utilizados durante o período em que você está na faculdade?

---

---

5. Acesso na sala de aula  
Você costuma acessar a internet quando está na sala de aula? Para quê?

---

---

Qual o posicionamento dos seus professores quanto ao uso de celulares na sala de aula por parte dos alunos?

---

---

Algum(ns) de seus professores desenvolveu (ram) atividades que envolvessem o uso de celulares na aula? Em caso afirmativo, de que forma?

---

---

Você já experienciou alguma situação *negativa* ao utilizar o celular na sala de aula? Compartilhe-a.

---

---

Você já experienciou alguma situação *positiva* ao utilizar o celular na sala de aula? Compartilhe-a.

---

---

Como você avalia suas aulas em que os *smartphones* não são utilizados/permitidos, em uma escala de 0 a 5 (sendo 0 extremamente negativa e 5 extremamente positiva)? Por quê?

0                    1                    2                    3                    4                    5

Como você avalia suas aulas em que os *smartphones* são utilizados/permitidos, em uma escala de 0 a 5 (sendo 0 extremamente negativa e 5 extremamente positiva)? Por quê?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

0            1            2            3            4            5

Existem negociações/regras/punições quanto ao uso do celular em sala de aula? Dê exemplos.

---

---